Bibl. Publica

SUMMARIO

DAS

INVESTIGAÇÕES EM SAMSCRITOLOGÍA

DESDE 1886 ATÉ 1891

Opúsculo escripto a convite
da Commissão Organizadora do Congresso Internacional de Orientalistas,
Londres, 1891

POR

G. de Vasconcellos-ABREU

Bacharel em Mathemática pe'la Universidade de Coímbra,
Socio do Instituto da mesma Universidade, e da Academia Real das Sciencias de Lisbôa,
Presidente da Secção Asiática da Soc. de Geographia de Lisbôa,
Da Société Asiatique,
da Société d'Anthropologie, da Société Académique Indo-Chinoise, etc., etc.
Officier d'Académie, Official da Ordem de Santiago
e Commendador da Ordem de Gustavo Wasa
Lente de lingua e litteratura samscrítica no Curso Superior de Letras,
em Lisbôa.

LISBÔA
IMPRENSA NACIONAL
1891

L. R.
Bibliotheca Nacional
de Lisboa
5065

SUMMARIO

DAS

INVESTIGAÇÕES EM SAMSCRITOLOGIA

DESDE 1886 ATÉ 1891

Col. H
Offerta
do Auctor
BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA
R. 10:673

SUMMARIO

DAS

INVESTIGAÇÕES EM SAMSCRITOLOGÍA

DESDE 1886 ATÉ 1891

Opúsculo escripto a convite
da Commissão Organizadora do Congresso Internacional de Orientalistas,
Londres, 1891

POR

G. de Vasconcellos-ABREU

Bacharel em Mathemática pe'la Universidade de Coímbra,
Socio do Instituto da mesma Universidade, e da Academia Real das Sciencias de Lisbôa,
Presidente da Secção Asiática da Soc. de Geographia de Lisbôa,
Da Société Asiatique,
da Société d'Anthropologie, da Société Académique Indo-Chinoise, etc., etc.
Officier d'Académie, Official da Ordem de Santiago
e Commendador da Ordem de Gustavo Wasa
Lente de lingua e litteratura samscrítica no Curso Superior de Letras,
em Lisbôa.

P. 10.643

LISBÓA
IMPRENSA NACIONAL
1891

AO

CONGRESSO INTERNACIONAL DE ORIENTALISTAS

REUNIDO EM LONDRES EM SETEMBRO DE 1891

Accipite voluntatem pro scientia, et operam
ut temporis difficultas tulit.

Cascais, em 20 d'agosto de 1891.

G. de Vasconcellos Abreu

Principio por agradecer o honroso convite, que me fez a Commissão Organizadora do próximo Congresso Internacional de Orientalistas, cujas sessões hão de realizar-se em Londres em setembro de 1891.

Fui convidado para escrever o Summario das investigações em samscritología desde 1886.

A páginas 8 do Fourth General Meeting lê-se: «*Summaries of Oriental Research since* 1886 ... The parts referring to India and adjacent countries, and to Malayan and Polynesian, are still wanting; and Professor G. de Vasconcellos-Abreu has been asked to help in the matter».

O folheto a que me refiro tem a data de 24 de junho 1891.

Recebi-o aqui em Cascais, onde estou por doença, a 30 de julho p. p. Acompanhava-o uma carta do snr. Dr. Leitner, datada de 25 de julho, na qual se lê: «... ce que nous avons demandé de vous par télégramme* est un résumé des ouvrages sanscrits ou des recherches sanscrites faites en divers pays

* Êste telegramma, de 20 de julho, não foi bem entendido.

depuis 1886 ou depuis 5 ans. Vous pourriez le faire en 12–20 pages et nous montrer non seulement la bibliographie sanscrite depuis 5 ans mais, peut-être, aussi indiquer ce qui reste à faire».

Escrevi ao snr. Dr. Leitner dizendo-lhe que dentro de 8 dias daría a resposta. Resolvi hoje acceder. Estamos a 8 de agosto!

É ardua a tarefa.

É ardua por muitos motivos: — Estou fora de Lisbôa, e portanto desajudado dos livros a que posso recorrer: — não conheço a bibliographía que devera conhecer, porque, nas Bibliothecas públicas em Portugal, não há livros da especialidade samscritológica sufficientes para que se possa trabalhar neste assumpto cabalmente; — tenho de falar quási exclusivamente de obras que possúo na minha propria bibliotheca, algumas das quais fui buscar a Lisbôa e outras apenas relacionei em apontamentos de que me sirvo aqui; — é pouco o tempo que tenho deante de mim para que possa corresponder à honra que se me faz.

I

BIBLIOGRAPHÍA

Os principais trabalhos, de que tenho conhecimento, directo ou indirecto*, concernentes a samscritología, dados à estampa desde 1886 até 1891, são:

I — Bibl. scr. védica

Abel Bergaigne. *V.* Journal Asiatique.

[Mauricio Bloomfield**. Contributions to the Interpretation of the Veda. A 2.ª serie é de 1890, Baltimore. *V.* American Journal of Philology, e Proceed. American Or. Soc.]

[C. A. Florentz. Das 6.te Buch der Atharvaveda Samhitâ, uebersetzt und erklärt. I Theil: Hymne 1–50. Göttingen 1887.]

Geldner, *V.* Pischell.

---

* Envolvo em [ ] a designação de trabalho litterario de que tenho conhecimento indirecto.

** O sr. M. Bloomfield foi últimamente nomeado Lente de sámscrito na Universidade de Johns Hopkins, Estados-Unidos, da América do Norte.

J. Grill. Hundert Lieder des Atharvaveda, uebersetzt und mit textkritischen und sachlichen Erläuterungen versehen. 2.te völlig neubearbeitete Auflage. 1889. Stuttgart.

[A. Hillebrandt. The S'rauta Sūtra of Chāṅkhāyana. *in* Bibliotheca Indica.]

B. Lindner. Das Kaushitaki Brāhmaṇa, herausgegeben und ubersetzt. I Text. 1887. Iena.]

Alfred Ludwig. Der Ṛgveda, oder die heiligen Hymnen der Brâhmaṇa. Zum ersten Male vollständig ins Deutsche übersetzt, mit Commentar und Einleitung. Sechster (Schluss-) Band; Register der Belegstellen, Verzeichniss der Conjecturen, Glossar, sachliches und grammatisches Repertorium für den Ṛgveda. 1888. Prag, Wien.

—Ueber die Kritik des Ṛgveda-Textes (Abhandl. der k. böhm. Gesellschaft der Wissenschaften. VII F. 3 B.; Ph.-Hist. Classe Nro 5. 1889 (Separata) Prag.

—Ueber Methode bei Interpretation des Ṛgveda. (Abh. der k. böhm. G. der Wissenschaften. VII F. 4 B.; Ph.-Hist. Cl. Nro. 1. Separata, 1890, Prag. *V.* Festgruss an Otto von Böhtlingk.

A. A. Macdonell. Kâtâyana's Sarvânukramanî of the *Ṛig*veda. With Extracts from Sha*d*gurusishya's Commentary entitled Vedârthadîpikâ. 1886, in Anecdota Oxoniensia, Aryan Series.

Hermann Oldenberg. Die Hymnen des Rigveda. Herausgegeben von . . . Band I. Metrische und textgeschichtliche Prolegomena 1888. Berlin. *V.* Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft.

— The Gṛihya-Sûtras, Rules of Vedic Domestic Ceremonies. Part I: Sânkhâyana, Asvalâyana, Pâraskara, Khâdira. *in* Sacred Books of the East, vol. XXIX. 1886.

R. Pischell und K.-F. Geldner. Vedische Studien I-II Heft. 1888–89. Stuttgart.

Paul Régnaud. *V.* Revue de l'Histoire des Religions.

P. Sabbathier. *V.* Journal Asiatique.

Leopold von Schröder. Mâitrâyaṇî Saṃhitâ, herausg. v. Dr. . . . Vier Bände. 1881–86. Leipzig.

Lucian Scherman. Philosophische Hymnen am der Rig- und Atharva-Veda-Sanhitâ verglichen mit den Philosophomen der älteren Upanishad's. 1887. Strassburg.

J. Schwab. Das Altindische Thieropfer. 1886. Erlangen.

R. Simon. Beiträge zur Kenntniss der Vedischen Schulen. 1889. Kiel.

W. D. Whitney. *V.* Proceed. American Or. Soc.

Trabalhos de crítica e memorias notáveis de samscritólogos em: *a*) Jornais scientíficos, ou *b*) publicação occasional:

a) Indian Antiquary.
Indische Studien.
Journal American Phylology.
Journal Asiatique.

Journal of the Asiatic Society of Bengal.
Journal Royal Asiatic Society of Gr. Britain and Ireland.
Muséon.
Proceeding American Oriental Society.
Revue Critique.
Revue de l'Histoire des Religions.
The Babylonian and Oriental Record.
Ztsch. der Deutschen Morgenländischen Gessellschaft.

Refiro aqui principalmente os trabalhos de Bergaigne, de Oldenberg, de Ludwig, de Roth, de Whitney, de Bloomfield, de Collinet, de Régnaud, de Sabbathier, de Bradke.

Não devo deixar de mencionar aqui o Jornal Oriental publicado pe'los Directores do Instituto Oriental da Universidade de Vienna d'Austria, embora nunca o visse. Estão publicados cinco volumes.

Convém especializar a discussão entre Bergaigne e Oldenberg, *in* Journal Asiatique, sept.-oct. 1886, févr.-mars 1887; avril-mai-juin 1887, nov.-déc. 1887, *in* Z. D. M. Gesellschaft, 1887 XLI, 1888 XLII, e mais convém especializar a traducção do Agniṣṭoma segundo o Śrauta-Sūtra d'Āśvalājana, por P. Sabbathier *in* J. Asiatique, janv. 1890 (todo o número) e févr.-mars 1890 p. 186–194 (Index, Additions et Corrections).

b) Festgruss an Otto von Böhtlingk.

Encontra-se nesta notabilíssima miscellanea, digna de um dos maiores vultos na samscritología, um thesouro precioso de memorias e dissertações de: Roth, Delbrück, Bradke, Windisch, Jacobi, Ludwig, Aufrecht, Geldner, Hillebrandt, etc.

Publicou-se em Bombaím de 1810-1812 da era de Xaca, ou 1888-90 de Christo uma bôa edição em 8 volumes do Rigveda nos textos páda e samhitá com índice; e continúa a dar-se à estampa [a nova edição do mesmo Veda], collacionada com manuscriptos que não tinham sido aproveitados na *princeps*, a cuidado do illustre F. Max Müller. Vi o 1.º vol. desta nova edição em Estockholmo em 1889, onde o sr. Max Müller o apresentou ao Congresso.

II. — Bibl. scr. philosóphica

[Pandit Vindhyeçvarí Prasâda Dube. The Aphorisms of the Vaiçeshika Philosophy of Kaṇâda, with the Commentary of Praçastapâda, and the Gloss of Udayanâchârya. 1885.]

P. Deussen. Die Sûtras des Vedânta oder die Çârîraka-Mimânsâ des Bâdarâyaṇa, nebst dem vollständigen Commentare des Çankara, aus dem Sanskrit übersetzt. 1887. Leipzig.

P. Markus. Die Yogaphilosophie nach dem Râjamârtaṇḍa. 1886. Halle.

S. J. Warren. (trad. de J. Pointet). Les idées philosophiques et religieuses des Jaïnas. Trad. du hollandais avec autorisation de l'auteur. 1887 *in* Annales du Musée Guimet. — O original é de 1875.

Ernst Windisch. Ueber das Nyâyabhâshya. 1888. Leipzig.

Em jornal citaremos, além de trabalhos de Whitney sôbre as Upanixadas (Proceed. Amer. Or. Soc., na Bibliogr. sc.-védica), mais especialmente *in*

Journal R. Asiatic Soc. of Great Britain and Ireland: Dvijadas Datta. Moksha, or the Vedântic Release. 1888.

[Wiener Zeitschrift, Manilal Dvivedi. The Advaita Philosophy of Çankara. 1888].

III. — Bibl. scr. jurídica

G. Bühler. The Laws of Manu translated with Extracts from seven Commentaries. 1886. Oxford, *in* Sacred Books of the Eask, vol. XXV.

J. Jolly. Mânava Dharma-S'âstra, the Code of Manu. Original Sanskrit Text critically edited according to the Standard Sanskrit Commentaries, with critical notes. 1887. London, *in* Oriental Series.

Não menciono aqui outras obras, assim de Mandlik, do proprio Jolly *in* Bibliotheca Indica, etc., por só ter noticia dellas. Mencionarei um trabalho, importante no estudo, devido a um dos samscritólogos a quem mais se deve neste ramo:

Ad. Fr. Stenzler. Wortverzeichniss zu den Hausregeln von Āçvalâyana, Pâraskara, Çânkhâyana und Gobhila. 1886. Leipzig. Tirado de Abhdnlg. für die Kunde des Morgenlandes.

Baseado nos trabalhos de Sumner Maine, Alfred Lyall, etc., mas contendo dados proprios, devemos citar o livro sôbre «Communidades de Gôa, Historia das instituições antigas» por Antonio Emilio d'Almeida Azevedo. Lisbôa, 1890.

IV — Bibl. scr. épica

Em primeiro logar a edição indiana de [Protap Chandra Roy. The Mahābhārata, translated into English Prose] aínda em publicação, e que cito por ter lido a seu respeito artigos de grande encomio.

Em segundo logar, mas notabilíssimos pe'lo ponto de vista crítico, os trabalhos de

J. Darmesteter. Points de contact entre le Mahâbhârata et le Shâh Nâmah, *in* Journal Asiatique, juillet-août 1887, p. 38–75; Separata, Leroux, Paris.

Mark Aurel Stein. Zoroastrian Deities on Indó-Scythian Coins, *in* The Babylonian and Oriental Record. 1887. A propósito viría aqui citar [Report on old silver coins discovered in Mârwârâ by Dr. A. F. Rudolf Hoernle. Calcutta, 1889]. Sôbre êste trabalho veja-se, Journal Asiatique sept.-oct. 1890, o artigo do snr. E. Drouin.

Albrecht Weber. Ueber den Pârasîprakâça des Krishṇadâsa *in* Abhndlg. der k. preuss. Akademie der Wissenschaft. Berlin. 1887, e Ueber altiranische Sternnamen. *in* Stz. d. k. pr. Akad. der Wissenschaft. 1888.

E. Sénart. Notes d'Epigraphie indienne *in* Journal Asiatique, févr.-mars 1890.

V — Bibl. scr. archeológica e epigráphica

a) Archaeological Survey of India.

G. Bühler. Transcripts and Translations of the As'oka Edicts at Dhauli and Jaugada *in* vol. I da Arch. S. of Southern India. — The Buddhist Stûpas of Amarâvatî and Jaggayyapeṭa, in the Kṛishṇa District. Described and illustrated by Jas. Burgess. 1887.

Henry. Cousens. An Account of the Caves at Nadsur and Karsambla, Bombay. 1891.

A. Führer. The Sharqi Architecture of Jampur; with notes on Zafarabad, Sahet-Mahet and other places in the North-Western Provinces and Oudh. By . . . With drawings and architectural descriptions by Ed. W. Smith . . . edited by Jas. Burgess. Calcutta, 1889.

E. Hultzsch. South-Indian Inscriptions, Tamil and Sanskrit, from stone and copper-plate edicts at Mamallapuram . . . chiefly collected in 1886-87, vol. I. Madras, 1890.

Vincent Arthur Smith. General Index of the Arch. Survey of India, volumes I to XXIII, published under the superintendence of Major-General Sir A. Cunningham. With a Glossary and General Table of Contents. Calcutta, 1887.

b) Corpus Inscriptionum Indicarum.

John Faithfull Fleet. Inscriptions of the Early Gupta kings and their successors. [With plates]. Without plates. Calcutta, 1888. É o vol. III da collecção.

c) Epigraphia Indica.

Jas. Burgess. Ep. Ind. and Record of the Archaeological Survey of India. Edited by J. B., assisted by E. Hultzsch and A. Führer, and contributed by Professors G. Bühler, F. Kielhorn, J. Eggeling and others. Part I–VI, Calcutta, 1888–1890.

d) Epigraphía (trabalhos particulares).

G. Bühler. Die Shâbhâzgarhî Version der Felsenedicte As'oka's. *in* Ztschrft. d. Deutschen Morg. Gesellschaft. 1889. Cfr. *in* Epigr. Indica, e *in* Arch. Survey of India; e adeante X Varia.

E. Sénart. Les Inscriptions de Piyadasi. 2 vol. 1881–1886, Paris. Separata do Journal Asiatique. — Notes d'épigraphie indienne *in* Journ. Asiat., avril-mai-juin, sept.-octobre, 1888, févr.-mars, 1890.

VI — Relações Bibliográphicas

Albrecht Weber. Verzeichniss der Sanskrit und Prâkrit Handschriften der königlichen Bibliothek zu Berlin. 2.ter Band, 1.te Abtheilung, 1886, 2.te Abtheilung, 1888. Berlin.

Além dêstes preciosíssimos catálogos tenho conhecimento doutros que, infelizmente, não possúo nem vi; assim:

Ramkrishna Gopal Bhandarkar, Report on the Search of Sanskrit Manuscripts in the Bombay Presidency during the year 1883–84. Bombay, 1887.

J. Eggeling, Catalogue of the Sanskrit Manuscripts in the Library of the India Office.

Percy Gardner. The Coins of the Greek and Scythic Kings of Bactria and India in the British Museum. London. 1886.

VII — Bibl. scr. ethnográphica e geográphica

a) Origens áricas (indo-celtas).

[Van den Gheyn. L'origine européenne des Aryas. Paris, 1889].

H. d'Arbois de Jubainville. Les premiers habitants de l'Europe d'après les écrivains de l'antiquité et les travaux linguistiques. 2de éd. I. 1889.

F. Max Müller. Biographies of Words and the Home of the Aryas. London, 1888.

K. Penka. Die Herkunft der Arier. 1886.

Gerald H. Rendal. The Cradle of the Aryans, 1889. London.

O. Schrader. trad. de Frank Byron Jevons, Prehistoric Antiquities of the Aryan Peoples: A Manual of comparative philology and the earliest Culture. Being the Sprachvergleichung und Urgeschichte of Dr. O. Schr. Translated by F. B. J. from the Second Revised and Enlarged German Edition, with the sanction and co-operation of the Author. London. 1890. A 1.ª edição allemã é de Jena, 1883, a 2.ª nunca a vi.

Canon J. Taylor. The Origins of the Aryans: An Account of the prehistoric Ethnology and Civilisation of Europe. London, 1889.

b) Asia Central.

J. L. Dutreuil de Rhins. L'Asie Centrale (Thibet et régions limitrophes). Avec Album in-folio. Paris, 1890.

VIII — Bibl. scr.: Textos occidentais de origem samscritica

Joseph Derenbourg. Johannis de Capua Directorium Vitae Humanae, alias Parabola antiquorum sapientum. Version latine du Livre de Kalîlah et Dimnah. Publiée et annotée par . . . Paris, 1887–89.

H. Zotenberg, Notice sur le livre de Barlaam et Josaph, accompagnée d'extraits du texte grec et des versions arabe et éthiopienne. Paris, 1886.

IX — Bibl. scr.: Didactologia

a) Historia: 1.° Historia Religiosa.

G. Bühler. Ueber das Leben des Jaina Mönches Hemachandra, des Schülers des Devachandra aus der Vajras'âkhâ. Wien, 1889.

—— Ueber die indische Secte der Jaina. Wien, 1887.

E. Hardy. Der Budhismus nach älteren Pâliwerken dargestellt. Nebst einer Karte 'Das heilige Land des Buddhismus'. 1890. Munster.

Sir Monier Monier-Williams. Brāhmanism and Hindūism or Religious Thought and Life in India as based on the Veda and other sacred works of the Hindūs. 3rd Ed. 1887. O editor John Murray annunciou já a 4.ª edição, que talvez a estas horas tenha aparecido. Diz-se *revista e augmentada.*

—— Buddhism, in its connexion with Brāhmanism and Hindūism, and in its contrast with Christianity. 2nd Ed. London, 1890.

Hermann Oldenberg. Buddha: Sein Leben, seine Lehre, seine Gemeinde. Annuncía-se a 2.ª edição, que aínda não vi, desta magnífica obra, tão notável, tão concisa e tão cheia de pontos de vista novos.

a) 2.° Historia litteraria geral.

Menciono aqui o livro que melhor crédito merece, como compendio e livro de consulta:

Leopold v Schroeder. Indiens Literatur und Cultur in historischer Entwicklung. Ein Cyclus von Fünfzig Vorlesungen zugleich als Handbuch der indischen Literatur geschichte, nebst zahlreichen, in deutscher Uebersetzung mitgetheilten Proben aus indischen Schriftwerken. 1887. Leipzig.

a) 3.° Historia litteraria particular.

Sylvain Lévi. Le Théatre Indien. Paris, 1890.

a) 4.° Historia da civilização.

Gustave Le Bon. Les Civilisations de l'Inde. Paris, 1887.

b) Estudo da lingua:

1.° Grammática, Chrestomathía, Léxico.

A. Bergaigne et V. Henry. Manuel pour étudier le sanscrit védique. Précis de grammaire, chrestomathie, lexique. 1890.

[Otto Böhtlingk. Pânini's Grammatik herausgegeben, übersetzt, erläutert und mit verschiedenen Indices versehen. 2 vol. Leipzig, 1887.] É a segunda edição; a 1.ª, que possúo, não tem a traducção.

Carl Cappeller. A Sanskrit-English Dictionary based upon the St. Petersburg Lexicons. London, 1891. É a edição inglesa do original em allemão, obra do Lente da Universidade de Iena, porém mais acrescentada e melhorada, Sanskrit Wörterbuch nach den Petersburger Wörterbüchern bearbeitet.

Don Juan Gelabert y Gordiola. Manual de Lengua Sanskrita. Crestomatía y gramática. Madrid, 1890.

Charles Rockwell Lanman. A Sanskrit Reader: With Vocabulary and Notes. Boston, 1888.

Sir Monier Monier-Williams. A Sanskrit-English Dictionary etymologically and philologically arranged with special reference to Greek, Latin, Gothic, German, Anglo-Saxon, and other cognate Indo-European languages. London, 1888. É a reimpressão da precedente, 1877.

Vaman Shivaram Apte, The Student's Sanskrit-English Dictionary containing Appendices on Sanskrit Prosody and important Literary and Geographical names in the ancient history of India, for the use of Schools and Colleges. Poona. 1890.

G. de Vasconcellos-Abreu. Curso de Literatura e Lingua samscrítica clássica e védica. II. Exercicios e primeiras leituras de sámscrito. Lisbôa, 1889.

—C. de L. e L. scr. cl. e v. vol. I, tômo II. Chrestomathía de textos em sãoskrito clássico. 1883–91. Lisbôa.

W. D. Whitney. A Sanskrit Grammar, including both the classical language, and the older dialects, of Veda and Brahmana. Second (revised and extended) edition. Leipzig, 1889.

b) 2.° Syntaxe samscrítica:

B. Delbrück. Altindische Syntax. Halle, 1888.

J. S. Speijer. Sanskrit Syntax. With an introduction (apenas uma apresentação em 20 linhas) by Dr. H. Kern. Leyden, 1886.

X — Bibl. scr.: Varia

G. Bühler. Die indischen Inschriften und das Alter des indischen Kunstpoesie, *in* Stzngsbr. d. k. Akad. der Wissenschaften. Wien, 1890.

Alfred Hillebrandt. Die Sonnwendfeste in Alt-Indien. 1889.

Arthur Lillie. Buddhism in Christendom, or Jesus, The Essene. 1887.

Sylvain Lévi. Quid de Graecis veterum Indorum Monumenta tradiderint. Thesim Facultati Litterarum Parisiensi proponebat. 1890.

—*V.* artigos em que se discutem com elevado criterio problemas de chronología, pe'lo mesmo auctor, Journal Asiatique, févr.-mars, nov.-déc. 1890, as observações a tal respeito feitas pe'lo snr. Vinson, J. As., janv.-févr. 1891, e a réplica do snr. S. Lévi, J. As., mars-avril, 1891.

—*V.* Le Bouddhisme et les Grecs, *in* Revue de l'Histoire des Religions, janv.-févr. 1891.

Raffaele Mariano. Buddismo e Cristianesimo. Studio di Religione Comparata. Napoli, 1890.

K. E. Neumann. Die innere Verwandtschaft buddhistischer und christlicher Lehren. Leipzig, 1891.

Archibald Scott. Buddhism and Christianity. A parallel and a contrast, being the Croal Lecture for 1889–90.

[T. W. Rhys Davids. The Questions of King Milinda. Translated from the Pâli by . . . *in* Sacred Books of the East.] Conheço o texto.

Émile Sénard. Essai sur la légende du Buddha, son caractère et ses origines, 2e. ed. revue et suivie d'un index. Só conheço a 1.ª edição dêste admirável trabalho, que é um volume, Separata do Journal Asiatique, em 1875.

—Un roi de l'Inde au IIIe siècle avant notre ère. Açoka et le Bouddhisme. *in* Revue des Deux Mondes, mars, 1889.

[Colonel Henry Yule. ... and the late Arthur C. Burnell. Hobson-Jobson: Being a Glossary of Anglo-Indian colloquial words and phrases, and of kindred terms, etymological, historical, geographical, and discursive. London, 1886.]

São muito notáveis os artigos do snr. Feer sôbre o Buddhismo, do snr. Drouin sôbre Numismática, e o do snr. Aymonier sôbre Epigraphía (janv.-févr. 1891), in Journal Asiatique.

Do snr. Aymonier existe à venda em casa de Ernest Leroux [Grammaire de la langue chame. 1889] em Paris.

Não possúo os trabalhos do snr. Kern por me ser difficil entender o hollandês.

II

A CRÍTICA HISTÓRICA

I — Logar do sámscrito na glottología indo-celta

Decaído um pouco, durante um certo tempo, da sua importancia nos estudos de glottología comparada indo-céltica (ou indo-europeia, indo-germánica, etc.), o sámscrito volta hoje a adquirir o logar antigo de importancia capital nas investigações glottológicas da familia de linguas a que pertence. Nenhuma das outras linguas lhe leva superioridade; não podemos hoje dizer que o grego ou o lituano, ou o gótico ou o nórdico, conservem mais fielmente os característicos, os *traços da feição do Ário*, tronco donde se estenderam estes ramos lingüísticos.

É êrro dizer-se que o sámscrito não conhece ĕ, ŏ. Só relativamente à grammática de Pánini se pode tal dizer; na linguagem védica, porém, existe ĕ, ŏ; e é importante recordar aqui a existencia indiscutida de ĕ, ŏ em páli e nos prácritos.

Tem isto connexão estreitíssima com o modo de se considerar hoje o sámscrito clássico, como diremos.

O अ da syllaba reduplicativa em formas como चकार na qual o transcrevemos por ă, assim por exemplo kakāra, é propriamente um phonema palatal ĕ; e só dêste modo se explica a palatalização do k radical. Êste phenómeno é proprio do sámscrito e do zenda, ou como podemos dizer no ramo S.-E. da familia indo-celta.

O facto de se escrever अ (a na transcripção) não implica o de não ter havido ĕ na pronuncia. Jamais se deve confundir phonema e graphía. Também em lituano há exemplos de a um ă escripto corresponder o phonema palatal ĕ.

II — Como se está hoje considerando o sámscrito clássico

O dialecto em sámscrito védico readquire pois a sua importancia no estudo comparativo das linguas indo-celtas, como lingua archaica, que foi falada e conserva a transparencia morphológica e phonológica, que são a chave indispensável dos arcanos da glottología e da philología comparada de todos os povos de lingua e litteratura indo-celta.

O dialecto (se assim lhe podemos chamar) em sámscrito clássico apresenta-se-nos hoje com aspecto bem differente daquelle em que tem sido estudado.

Não é evolução glottológica natural do falar árico da India; é uma reversão artificial glottológica de vernáculo a formas archaicas; é o vehículo das idéas de uma sociedade de doutos, esotérica no meio social de que fazía parte.

Tem por base a grammática de Pánini, mas não é verdadeiramente adstricto à grammática de Pánini; porque nesta codificação de leis e factos glottológicos aínda o verbo tem a elasticidade e a energía do verbo samscrítico archaico, a plasticidade do verbo grego; emquanto que no sámscrito clássico se perderam quási inteiramente as formas verbais pessoais, e a conjugação está, para assim dizer, reduzida aos participios e gerundios.

Êste mesmo facto se dá nos falares vernáculos chamados prácritos, sem excepção.

É que o sámscrito clássico, tal como o conhecemos pe'las obras profanas, é linguagem moldada nos aphorismos de

Pánini, e criação erudita em cuja elaboração entraram dois factores importantíssimos, talvez por igual, — o sámscrito védico e o falar vernáculo, na accepção rigorosa desta palavra.

Esta litteratura foi precedida de outra litteratura árica, mas espontanea, filha legítima da evolução social, e não fidalga abastardada nascida num meio esotérico.

Gustave Garrez foi quem primeiro denunciou os factos do desenvolvimento, relativamente tardio, da litteratura clássica da India, e da existencia anterior de litteratura redigida em dialecto vernáculo, propriamente dito.

Está hoje quási geralmente acceito êste modo de ver, e com tal criterio se têem estudado melhor o páli e os dialectos pracríticos, e se tem colhido da epigraphía dados sufficientes para que, em virtude de tudo isto, possamos dizer que o desenvolvimento do grande volume da litteratura samscrítica é posterior às origens duma litteratura pracrítica.

Um dos mais distinctos orientalistas modernos, o crítico por excellencia da samscritología, o snr. A. Barth, é de opinião que, só da litteratura sagrada e téchnica dos Bráhmanes podemos dizer que a litteratura samscrítica começou pe'lo sámscrito. Mas aínda aqui há a fazer uma restricção, pe'lo menos: a téchnica theatral é pracrítica, — facto importante como é evidente, e, todavia, adeante o examinaremos.

III — Épocha em que deve ter começado a aparecer a litteratura em sámscrito clássico

É evidente que esta determinação depende da determinação da épocha do célebre Pánini. Não chegaram aínda os samscritólogos a accôrdo relativamente ao tempo em que viveu êste grammático; mas é certo (Lévi *in* Journal Asiatique

févr.-mars 1890 p. 234 sgs.) que o auctor dos Oito Livros não é anterior ao IV-III século precedente à era de Christo.

A doutrina ensinada nos aphorismos é mais antiga: Pánini mesmo se refere a grammáticos seus predecessores, e, como dissemos já, a importancia dada ao verbo faz-nos remontar a época mais archaica em linguagem do que de facto era a da invasão macedónica.

Os litteratos, porém, que moldaram a sua linguagem nos aphorismos de Pánini não chegaram a fazer resuscitar as formas verbais perdidas, e cingiram-se aos hábitos pracríticos. A oblitteração era necessariamente muito maior do que no tempo de Pánini; porque se êste houvesse codificado os seus Oito Livros para que nelles se estribasse a obra litteraria do renascimento samscrítico aqui havíamos de encontrar as formas, ao contrario, porém, por igual olvidadas no sámscrito clássico e nos prácritos.

Os factos auctorizam-nos a dizer que o aparecimento litterario do sámscrito clássico fez reverter às formas antigas samscríticas as pracríticas de litteratura espontanea em lingua vernácula, e que os litteratos, que se serviram dessa litteratura para a composição das suas obras, tomaram como guia a grammática de Pánini.

As composições epigráphicas são imitadas das litterarias em livro, são productos mesmo, na India, de litteratos: encontramos, tão somente, no meado do II século p. Chr. o monumento epigráphico mais antigo, até hoje conhecido, em sámscrito clássico (Sénart).

É acertado, pois, não querermos que vá para muito àlém o começo, o despontar da litteratura em sámscrito clássico. Voltaremos mais adeante a êste ponto.

IV — Importancia social da litteratura samscrítica clássica

A considerarmos o sámscrito por êste modo, parece que a litteratura escripta nesta lingua não tem importancia social. Com effeito uma litteratura que mereça êste nome representa a sociedade a que pertence, no ponto de vista de todos os factos sociais.

Não deixa de satisfazer a êste postulado a litteratura em sámscrito clássico.

A verdadeira litteratura deve de satisfazer a duas condições: ser popular na base, ser erudita (mais ou menos) na forma.

Ora é a necessidade de satisfazer a estas duas condições que dá à litteratura clássica da India a sua feição singular.

Emquanto à base: é popular por tradições e lendas de tempos antigos, é popular porque a aquece o almo bafejo das religiões de Víxnu, de Xiva, de Críxna, consideradas hoje antigas, talvez a par do Buddhismo.

Emquanto à fórma é erudita e é brahmánica; nem podía deixar de o ser, porque a sciencia e a litteratura na India são ancillas da theología, da casta brahmánica, por excellencia, e em todo o caso da religião. Mas os Bráhmanes resolveram o problema de afeiçoar aos seus interêsses de casta quantas religiões tem havido na India.

Na forma consideramos a lingua e a linguagem (*i. e.* a construcção da phrase); a lingua é o sámscrito como já o definimos; a linguagem, a phrase, é erudita e artificial.

As bôas-lettras eram cultivadas em idioma adequado, puro, samscrítico; e só os doutos sabíam converter os falares vernáculos em falar que se aproximasse da lingua sagrada por excellencia. O artificio vai mais fundo: reconhece-se por vezes a adaptação de lendas a favor dos Bráhmanes.

A parte popular das epopeias e do theatro, principalmente, provém dos cáthacas, dos rhapsodos antigos; dos cantares dêstes e da sua declamação deriva a parte mais bella da litteratura erudita em sámscrito clássico.

Mas não pára aqui o interêsse social do estudo da litteratura dos antigos Híndus.

É de interêsse notabilíssimo e de importancia histórica sem par o facto que essa litteratura nos revela: a sociedade familial a transformar-se em sociedade nacional.

Antes da religião commum a um povo, da religião duma sociedade, conhecemos que na India árica houve, na antiguidade, as religiões domésticas; reconhecemos que antes das leis sociais, cujo repositorio social se encontra nos Dharma-xastras, dharma-śāstra, houve leis domésticas cujos compendios familiares são os Grihya-sutras, gṛhja-sūtra, os sutras ou preceitos da casa; reconhecemos que as necessidades religiosas levaram os Híndus à criação de escolas védicas para o estudo principalmente phonológico dos Vedas; reconhecemos que necessidades religiosas levaram à criação de escolas védicas para o estudo das praxes costumeiras e usanças e tradições, que, mais tarde, se promulgaram por sancção do tempo, em direito consuetudinario nos Dharma-sutras, e mais tarde nos Dharma-xastras em verso.

Do estudo phonológico dos Vedas resultaram os Pratixaquias, que também são sutras, e nestes se fundam estudos posteriores sem filiação védica nem exclusivismo religioso, os estudos cuja compendiação mais notável é a dos Oito Livros de Pánini, a grammática de Pánini.

Do estudo secular, permitta-se-nos a expressão, do direito costumeiro, provém a compendiação em Dharma-xastra; e por desenvolvimento litterario, provieram os Dharma-xastras em verso. Dêstes diremos logo mais minuciosamente.

V — Elementos estranhos na litteratura clássica; periodo da sua introducção

A litteratura clássica, epopeias, códigos de leis, theatro, grammática, etc., assenta em evolução litteraria anterior; revela-nos, porém, elementos estranhos que muito concorrem para a determinação do período em que a melhor parte dessa litteratura se desenvolveu, e de elementos proprios que influíram em litteraturas estranhas.

Os trabalhos de Loiseleur Deslongchamps, de Benfey, de Weber e outros já antigos, e mais modernamente do mesmo Weber e de Cunningham e de Sören Sörensen, de Windisch, de Oldenberg, de Holtzmann dados a público antes de 1886, tinham lançado sôbre êste assumpto luz esclarecedora.

Weber nunca tirou os olhos do Eran e da Grecia.

Os trabalhos posteriores em epigraphía e o comparativo de litteraturas affins com a samscrítica, mostram que desde o século II antes de Christo até o VI ou VII depois houve fluxo e refluxo de idéas entre a India e os povos a occidente e a leste; e que pe'lo Eran principalmente se infiltraram na India lendas e processos novos, como foi pe'la Asia anterior que passaram para a Europa lendas e idéas e até productos litterarios indianos. É sôbre tudo notável na India a influencia eránica no Mahabhárata (Darmesteter, etc.), e a influencia eránica na arte indo-grega (Sénart).

Das influencias estranhas, a que parecía mais notável era a que Windisch notava no theatro. Hoje, porém, o trabalho de Sylvain Lévi nega essa influencia; e a aceitar-se na sciencia a sua doutrina o modo de ver é outro completamente.

Das influencias da litteratura indiana em país estranho, a mais interessante para nós Europeus é a de contos, fábulas e facecias. Veiu ella até Portugal, mas foi recebida aqui indirectamente como diremos logo.

VI — As origens do theatro na India

Basta que digamos aqui do que em téchnica samscrítica se chama nāṭaka, e podemos denominar — *comedia heroica.*

É um dos géneros superiores (rūpaka) das obras scénicas, isto é — daquellas em que a poesía, e portanto a forma litteraria, são elementos principais do espectáculo, e a mímica e a dansa apenas accessorios, é uma feição da epopeia dialogada. Chamamos-lhe comedia, porque não ascendeu à elevação dramática; não é tragedia, porque êste género é estranho ao sentimento, ao gôsto litterario samscrítico e à índole híndu; não é comedia de costumes, e nem êste género tambem existe na litteratura da India, pode dizer-se, porque na sociedade, àcêrca da qual fallar-se de *povo* é uma abstracção, não há vida social nem crítica de costumes.

Neste ponto de vista é de rigor até dizer-se que a India não teve a escola crítica do theatro, ou mesmo que a litteratura samscrítica não teve a criação litteraria da reproducção scénica dos factos sociais. Só onde o povo é o criador das situações reais, pelos factos históricos da sua vida, há inspiração e assumpto para o alinho e urdume da concepção, para todo o trabalho de assentamento, disposição e genialidade do artista dramaturgo. Foi por isto que jamais existiu, na India, o que, na Europa, entendemos, com são criterio, que seja *theatro.* O carácter, a psychología do Híndu, obrigam toda composição poética ao maravilhoso, à monotonía do enrêdo, e à commoção tenue; o auctor jamais se abalançará a pôr em scena catástrophe e desfecho trágico, nem o seu espírito conhece o que chamamos *acção dramática.*

Tudo isto seria conducente a não procurarmos origens gregas no theatro híndu.

A estas razões ajuntam-se outras que nos parecem realmente irrespondíveis.

Resumamo-las do livro do snr. Sylvain Lévi:

O theatro na India não appareceu de súbito, como foi, até certo ponto, o caso em Roma com Livio Andronico; não tem o entrecho grego; não reproduz a téchnica do theatro da antiguidade clássica europeia; nem a dominação dos successores de Alexandre, desapossados da India no século precedente à nossa era, foi tal e tão larga que pudesse perpetuar, em segrêdo, o modêlo que, só uns quatro ou cinco séculos [1] mais tarde, Calidassa, por exemplo, reproduziu e actualmente se denuncía a modernos investigadores.

A arte dramática encontra-se já constituída em remota antiguidade, para além de Pánini (IV–III sec. antes de Chr.), o qual cita em sua obra os naṭa-sūtrāṇi, os *natasutras*, ou *regras* do naṭa, *i. e.*, do actor (em declamação e dansa). No dizer de Megásthenes (*apud* Arriano «Indica» 7), já àquelle tempo tinham os Indios a dansa satyrica semelhante à da comedia grega, e com ella honravam o seu Diónyso, *i. e.*, Xiva, um dos mais estimados patronos dos compositores de obras scénicas, como se vê do *prólogo* das suas composições; e segundo o mesmo Megásthenes (*apud* Arriano, 8) era a tríbu dos *Surasenos*, Σουρασηνοί, em scr. śūrasena, a que prestava culto especial a Héracles, *i. e.*, a Krixna. Ora é ao Xivaísmo e ao Crixnaísmo que se prendem as origens mais populares e o maior desenvolvimento do theatro indiano.

---

[1] Digo quatro ou cinco séculos, porque acceito a opinião do sr. G. Bühler *in* «Die indischen Inschriften und das Alter der indischen Kunstpoesie» àcêrca de Calidassa, como auctor que, escrevera em um dos primeiros quatro séculos da era de Christo

Comtudo não se pense, como é geral cuidar-se e dizer-se, que a origem em absoluto, do theatro é religiosa.

Ao Xivaísmo, ao Crixnaísmo, e ao Vixnuísmo, phases religiosas postvédicas na civilização árica da India, prende-se a melhor parte da litteratura clássica desta civilização; mas as nascentes, donde correm os caudais que formam litteratura tão opulenta, são anteriores a esses terrenos religiosos, onde só procuraram a sancção popular, como procura leito o rio, nos valles das terras onde serpeia. Com as aguas das vertentes se engrossaram colhendo muitos mananciais, que os Bráhmanes souberam conduzir para ali. Mas foi das declamações dos kathakas, «rapsodos», as quaes os Bráhmanes na época do renascimento da litteratura samscrítica, se não antes já, aproveitaram a seu favor, que se formaram as epopeias eruditas e a comedia heroica.

A dansa, o canto, a música em geral, e os espectáculos, em que duas ou três pessôas falavam recíprocamente, eram enlêvo dos Aryas védicos. Aos colloquios, sāvāda, dava-se feição interlocutoria dramática; e se por um lado parecem vestigios de cantos épicos perdidos, por outro denunciam ou melhor attestam a existencia de figurantes, cantores, dansarinos, declamadores e até coros, e não só de figurantes actores mas também de actrizes [1].

A propria palavra śæluṣa, uma das que em sámscrito clássico significa «actor», encontra-se no Iajurveda-branco. Num baixo relêvo de Sanchi, anterior à era christã, há uma scena de representação dos *cáthacas*, dos rapsodos que anda-

[1] Nos tempos propriamente do theatro litterario os papeis de mulher eram feitos por actores, a que se dava o nome de bhrūkūśa, os quaes para disfarce traziam cabellos crescidos e seios postiços.

vam de terra em terra recitando e cantando as lendas dos grandes herois hindus. Têem os cáthacas na mão os instrumentos de música e estão na attitude gesticulatoria e de bailado, que accentúa o carácter dramático da rhapsodia.

Como também no occidente europeu, assim na India, a religião condemnava estes autos, estas dansas, estas declamações, mas transformou-os em autos-sacramentais representados nos templos e por occasião de festividades e ajuntamentos. Nos livros búddhicos há a cada passo referencia às representações, aos espectáculos em que os momos e a dansa e a música enebríam e pervertem; e entre os preceitos religiosos encontramos a prohibição de que se assista às representações; o que prova quanto havíam já influído nos costumes as rhapsodias com interlocutores. A despeito, porém, do mandamento, há pinturas búddhicas em que o carácter mundano, a graça sensual e o realismo e perfeição das imagens contrastam de modo singular com o preceito ali mesmo, em templo como o de Ajanta, inteiramente olvidado.

Os espectáculos de bonifrates são conhecidos já na redacção do Mahabhárata; e da India foram para Java, com a civilização brahmánica, as representações dêste género, aínda hoje tão estimadas e queridas em toda a península gangética. Ao contrario da epopeia homérica, são indicados por advertencia, como rubrica, hypermétrica, os interlocutores que têem parte na acção, principalmente, característicamente, do Mahabhárata.

A prioridade da arte dramática, relativamente à época do renascimento da litteratura samscrítica, resulta aínda da technologia theatral; porque se a theoría dessa arte fôsse samscrítica, samscríticos seríam os vocábulos téchnicos; são, porém, pracríticos, revestem formas pracríticas; o que sería impossível se anteriormente não houvesse attingido grau im-

portante de desenvolvimento a arte dramática, popular primeiro e depois litteraria, mas aínda pracrítica e só mais tarde remodelada e trazida pe'los eruditos para litteratura da épocha do renascimento litterario da India.

Tem valor notável para corroborar o que fica resumidamente assentado, o uso da linguagem pracrítica no theatro.

Prákrito, prākṛta «vernáculo, linguagem vulgar, provincial» diz-se de certos dialectos derivados do sámscrito falado e não do clássico. Os actores que desempenham papéis secundarios, inferiores, falam sempre a lingua do país natal — é a regra estabelecida pelos livros da arte theatral. Todavía, só três são os typos a que na prática se reduziram os prácritos: o dialecto *xauraseni*, śaurasenī, o dialecto *magadhi*, māgadhī, o dialecto *maharaxtri*, mahārāṣṭrī, a que aínda theóricamente podemos acrescentar outro, o dialecto *paixachi*, paiśakī. São todos dialectos artificiais de convenção erudita, embora três designem pe'lo nome dialectos provinciais: de Xurasena (*Surasenos*, Σουρασηνοί), de Magadha e do país dos Mahrattas. É prácrito por excellencia, nas composições scénicas, o dialecto magadhi, e é elle, segundo parece, o que segue na corrente das antigas rhapsodias. O dialecto xauraseni representa a tradição antiga dos adoradores do Héracles indiano, dos sectarios do crixnaísmo. Não obstante a excellencia da magadhi é êste dialecto de raro emprêgo nas obras scénicas, e só a xauraseni tem uso frequente. É o dialecto pracrítico litterario xauraseni, pois, o preponderante no drama clássico, facto que bem mostra o valor do dizer e informação de Megásthenes.

Quando o sámscrito foi adaptado à litteratura profana, lançaram mão delle os litteratos, mas jamais permittiram os dramaturgos, que, nesta lingua, falassem os que, por condição do papel desempenhado, não fôssem gente polida de

cujos labios saísse pura a linguagem dos deuses. É por isto que só os bráhmanes e os reis falam em scena o sámscrito, e aínda assim o bráhmane que faz o papel de vidusaka, especie de *albardán,* ou *albardeiro,* como dizia o Plauto português Gil Vicente, mas no sentido originario de bobo, zombeteiro e um pouco alcaiota, umas vezes *Polichinello,* outras *Ratinho,* não pode falar em sámscrito.

VII — A litteratura juridica e especialmente o Mánava-Dharma-Xastra

O que fica dito àcêrca do theatro mostra quão grande é, na verdade, o interêsse do estudo da litteratura scénica da India, e é um exemplo que serve de comprovar o que dissemos da importancia social da litteratura em sámscrito clássico.

Mas o que hoje se sabe da origem dos Dharma-xastras mais comprova aínda essa importancia, já referida por alto.

Por dharma entende-se o que designamos em geral «praxe»; é o uso, a prática, e depois o costume que faz lei, a lei, a obrigação social, a obrigação moral, a usança sanccionada, regulada, prescripta, a obrigação civil, religiosa, tudo o que constitui o dever e o direito, numa sociedade mais ou menos alargada e adeantada.

Por Dharma-xastra entende-se propriamente o compendio repositorio destas leis. Porém, no ponto de vista da litteratura samscrítica, as leis são tratadas em compendios em prosa (e por vezes em prosa e verso) chamados sutras (sūtrāṇi, linhas, regras) e em compendios mais propriamente repositorios, em verso (propriamente o xloca), chamados śāstrāṇi, xastras, livros.

Os sutras são aphorismos breves, brevíssimos quási sempre. Os xastras em verso têem forma litteraria e são poste-

riores aos sutras, seu fundamento e base tradicional. Os sutras são mais caracteristicamente compendios feitos de propósito para estudo das praxes, das prescripções religiosas, mais ou menos particulares, duma escola védica.

Os xastras são ainda compendios, mas já repositorios: onde se reuniram com intuitos mais largos, litterarios e normalisticos, preceitos que, embora provenientes de escola, pretendem ser doutrinamento de praxe social.

Os dharma-xastras em verso, os Livros (métricos)-de-leis são o producto litterario de época em que o estudo do direito, das leis, dos usos e costumes e toda prática familial e social, estava já tão adeantado, que havía adquirido importancia independente, propria de ramo de sciencia especial. Por outro lado os dharma-sutras tornaram-se meros appéndices das collecções de textos védicos, e emquanto que a sua extensão ficou diminuta e exclusiva da escola védica a que respeitavam, os dharma-xastras apresentam-se como os livros, das leis, mais ou menos independentes de escola védica e com alçada social.

O Código de Mánu é uma das primeiras tentativas de remodelação em verso dos productos jurídicos da última phase da litteratura védica, dos Dharma-sutras.

A data da composição dos Dharma-sutras vai até o 5.º ou 6.º século antes da nossa era. Dos livros que tratam da praxe e são redigidos em verso, aquelle cuja antiguidade é maior é o Dharma-xastra, conhecido na Europa pe'lo nome de *Código de Mánu*. Segundo os últimos trabalhos *(G. Bühler)*, a redacção métrica do Código de Mánu, tal como a conhecemos, data de um período entre os séculos dois antes e dois depois de Christo.

No século 4.º da nossa era há divergencias entre os commentadores dêste código, e encontram-se passos da sua redac-

ção em obras de remota antiguidade, e em inscripções já no principio do 6.º seculo da nossa era; mas há passos no Código de Mánu que não podíam ter sido escriptos antes do 3.º século precedente a Christo.

É para reparo a concordancia, notada pe'la primeira vez por Alberto Weber, de bôa parte do Código de Mánu com passos de Mahabhárata. Mas tal facto não faz suppor que no Mahabhárata se copiasse, por inteiro, do Código de Mánu, ou que no Código de Mánu se copiasse, por inteiro, do Mahabhárata. Explica-se pe'lo motivo de em ambos os textos, na célebre encyclopedia samscrítica e no célebre código de leis, se haver reunido quanto foi possível achegar, fundir, compendiar, e entretecer na urdidura e trama de uma só peça, commum aos Aryas da India.

É o Código de Mánu conhecido na India samscrítica pe'lo nome de *Mânu-smriti* (Manu-smṛti «tradição devida a Mánu»), pe'lo nome de *Bhrigu-samhitâ* (Bhṛgu-sāhitā «collecção de Bhrígu» i. e., ensinada por Bhrígu segundo a doutrina ouvida da bôca do proprio Mánu), e aínda pe'lo nome de *Mánava-dharma-xastra* (Mānava-dharma-śāstra «livro das praxes mánavas»). E êste título, Mānava--dharma-śāstra, é mesmo explicado por alguns samscritólogos como propriamente «livro das praxes mánavas» e não «de Mánu».

Mānava é um derivado de Manu; significa «de Mánu, respectivo a Mánu, proveniente de Mánu, attribuído a Mánu, concernente a Mánu, etc.». Mas também significa «descendente de Mánu» e designa uma raça, a dos homens áricos, todos os homens Aryas, a gente árica. Manu significa propriamente «o que pensa bem, o sabedor, o assisado» e mythológicamente designa o heroi epony'mico da raça árica da India e, mais latamente, da raça humana. Foi o progenitor

dos homens e o fundador da ordem social e da moral, o assentador de toda a praxe.

Como dissemos cada familia tinha as suas praxes, o seu dharma; o ensinamento destas praxes era feito esotéricamente, era dado, em escola doméstica e por modo oral, aos descendentes que perpetuavam de cór as tradições da estirpe. Mas com o andar dos tempos e a unificação por cruzamento, deu-se uma certa unidade ao culto, às praxes, e agglomerou-se por tal forma o accrescido saber, que se tornou impossível decorar toda a redacção fixada a que se havía chegado. As escolas védicas tiveram, pois, de se restringir; e fora destas escolas houve quem estudasse sciencia, mui principalmente grammática, philosophía e praxe, no ponto de vista meramente scientífico. Especializado o estudo, alargou-se a esphera dos que podíam adquirir o saber respectivo e apurou-se o que era concernente a cada uma destas especulações mentais. No tempo do grammático Patánjali ensinavam-se já, em escolas independentes das védicas, os Dharma-sutras; havía a esse tempo uma sciencia chamada dharma-vidjā «sciencia da praxe» e os escolares desta sciencia eram dhārma-vidja (no pl. dhārma-vidjās), eram «praxistas», no rigor dêste termo em nossa linguagem.

A *Mánu-smriti* é um livro de escola independente das escolas védicas, redigido com o intuito de serem para todos os *descendentes de Mánu*, para todos os Aryas, as leis nella colligidas, E visto ter sido Mánu o *Pai dos homens*, o fundador da ordem social e da moral, o regulador das relações dos homens entre si, attribuíu-se a Mánu a legislação constante da *Mánu-smriti*, e a Bhrígu a codificação das leis decretadas pe'lo grande legislador e primeiro pai.

A *escola mánava* é, portanto, uma escola de sabedores das leis costumeiras, usanças práticas ritualísticas, costumes assen-

tados que, na sua origem, havíam sido particulares de familia, mas cujo carácter mais lato se tornara, pela sua acceitação, já social e de verdadeira praxe consuetudinaria. Estes *doutores da lei*, estes *praxistas*, eram alheios no seu estudo às acanhadas restricções de uma ou outra das escolas védicas; a sua sciencia era independente dos laços religiosos exclusivos; e naquelle *livro*, śāstra, se fez a *collecção*, sāhitā, das *tradições*, smṛti, communs a todos os *homens*, mānava, cuja raça, árica, se prendía no mythológico *Mánu;* e tal collecção de praxes tradicionais foi attribuída a *Bhrigu*, Bhṛgu-sāhitā, e considerada como revelação feita a Bhrígu pe'lo heroi epony'mico cujo nome nascería necessariamente do adjectivo mānava, se já antes não existisse na mythologia[1].

Segundo parece os *Mánavas* eram uma escola do noroeste da India, na região que uns marcam desde os montes Mayura até o Guzarate, outros entre os rios Sarasuati e Drixaduati.

Pe'lo que fica dito, o título Mānava-dharma-śāstra, do Código de Mánu, significa, ou pode interpretar-se, penso eu, «Livro da praxe dos Aryas».

VIII — Influencia da litteratura samscrítica no occidente e principalmente na peninsula hispánica

É conhecida, de sobejo, esta influencia. Os trabalhos feitos a êste respeito foram admirávelmente resumidos pe'lo sr. A. Barth *in* Mélusine, 1889, 1890. Assim me consta, porém não conheço o trabalho do distincto orientalista e crítico abalizado.

---

[1] Não é isolado êste facto. Assim como aos *Mánavas*, praxistas, corresponde o heroi epony'mico *Mánu*, assim também aos *Bháratas*, rhapsodos-actores, corresponde o heroi epony'mico *Bhárata*, o legislador my'thico da arte dramática.

Quero dar aqui tão-sómente noticia de que essa influencia chegou até Portugal, e por qual vía.

O livro «Calila e Dimna» foi traduzido do árabe em castelhano em 1251 (?); em todo caso no meado do século XIII. Foi dada à estampa essa versão por Dom Pascual de Gayangos *in* Biblioteca de Autores Españoles; Escritores em prosa anteriores al siglo XV. Madrid, 1859. Collecção de Rivadeneyra, tômo 51.

Neste mesmo tômo se lê a composição imitada do Calila e Dimna por Dom João Manuel, sôgro de El-Rei D. Pedro I de Portugal. É o trabalho intitulado «Libro de Patronio» e também do «Conde Lucanor». A corrente indiana de fábulas, contos, apólogos e tradições e lendas religiosas da India antiga, chegara àquelle tempo à península hispánica por via aínda de outros escriptos. Imitou o mesmo Dom João Manuel o «Livro de Barlaão e Josaph *ou* Josaphat» que como se sabe é a lenda de Buddha.

Esta imitação do príncipe hispanhol tem o título «Libro del Infante ó Libro de los Estados». Encontra-se no tômo já citado da collecção de Rivadeneyra de páginas 282 a páginas 367.

A mais dêstes factos há os seguintes.

João de Capua, um judeu convertido ao christianismo, traduziu também do hebraico para latim o texto do Calila e Dimna. É a traducção conhecida pe'lo título «Directorium Vitae Humanae, alias Parabola Antiquorum Sapientum», já referida na 1.ª parte dêste escripto, Bibliographía, como dada últimamente a lume pe'lo sr. J. Derenbourg.

João de Capua conheceu na Italia o Arcebispo de Braga Dom Martinho, o successor de D. Tello (fallecido em 8 de maio de 1292); e ao Arcebispo português offereceu mesmo obra sua, a versão latina do Taisīr d'Avenzohr.

Encontramos também em Portugal dois manuscriptos dos séculos XV–XVI: um em português, códice n.º 266 do Mosteiro de Alcobaça, existente na Tôrre do Tombo, outro em latim, códice n.º 45 de Santa Cruz de Coímbra, existente na Bibliotheca Municipal do Porto; os quais manuscriptos são recensões da vida de Barlaão e Josaphat.

Abre o códice de Alcobaça:

«Aqui se começa auida do honrado Iffante Josaphat filho de El-Rey Auenir.

Em o começo q̃ os mosteiros começarõ a seer fectos e os monges começarõ a suir anoso senhor em terra dindia...»

E o de Santa Cruz:

«Incipit liber gestorum barlaam et iosaphat serur. dei. editus greco sermone a iohanne damasceno uiro sco. et emerito.

Cvm cepissent monasteria construi. ac monachor. congregari multitudines...»

Portanto chegou a Portugal a corrente indiana logo nos principios do século XIV, e encontramo-la aínda no século XV–XVI; e chegou e demorou-se trazida pe'la castelhana e italiana; por livros cujos auctores estavam em relação litteraria directa com Portugueses; e tomou logar nas bibliothecas monásticas cujos leitores tanto influíram na litteratura de Portugal.

No século XV aparece nesta parte da península o Plauto português, Gil Vicente. Era homem douto, como tal estimado; homem lido em obras notáveis no seu tempo e dellas se aproveitava a ponto de zoilos o alcunharem de plagiario, e críticos sabedores o terem em conta de ser elle, como disse Erasmo, um dos primeiros cómicos de então.

Gil Vicente soube aproveitar o que era do seu tempo, mas não o condemnamos por isto. Coisa natural era de contempo-

raneos, a quem roía a inveja, quererem amesquinhá-lo. De direito nosso é querermos julgá-lo com imparcialidade.

Em Gil Vicente, podemos e devemos pois dizer, encontra-se a influencia da corrente indiana.

Não se amesquinha com isto o grande poeta cómico; nem se encurta o aprêço de Shakspeare, de Boccacio, e de outros até Lafontaine, o maior fabulista do Mundo.

O «Auto da Mofina Mendes» comparado com passos do Calila e Dimna e do Directorium Vitae Humanae, e do Libro de Patronio mostra-nos que Gil Vicente conheceu os contos que da India vieram dar à Idade-Media, na Europa, a sua notabilissima litteratura em contos, facecias, apólogos e fábulas. Tanto basta para o absolvermos; e se alguém quiser acoimá-lo de plagiario, lembre-se primeiro que muito mais o foram aquelles que os accusadores julgam terem sido originarios modêlos.

Os passos do Auto da Mofina Mendes, que Gil Vicente imitou, são a fala do Frade, com que abre, à maneira de prólogo, o auto, e «as cousas que diz Mofina Mendes com o pote de azeite á cabeça, e andando enlevada no bailo».

Arrenega o Frade dos que julgam adivinhar o futuro:

«Não vos enganeis
Letrados de rio torto,
Que o porvir não no sabeis,
E quem a isso quer pôr peis
Tem cabeça de minhoto»

e mais adeante põe o exemplo do marido fatuo que antes do filho nascido já cogita em que há de ser filha ou filho varão e com quem se parecerá:

«Se tens prenhe tua mulher,
E por ti o composeste,
Queria de ti entender
Em que hora ha de nascer,
Ou que feições ha de ter
Esse filho que fizeste.
Não no sabes; quanto mais
.....
Os secretos divinaes
.....»

Tudo isto vem a propósito de se condemnar o sandeu que por conjecturar de cousas futuras perde os bens presentes.

Com igual intuito doutrinario nos apresenta o fabulista do Calila e Dimna o marido que se alegra de ver grávida sua mulher a quem julgava já estéril. Entre o marido e a mulher há o seguinte diálogo:

«Gaudere et exultare debes, cum nascetur nobis filius qui, deo auxiliante, anime nostre erit restauratio et solacium nostri corporis et cordis, quem regam bona doctrina; et crescet in bonis moribus et fama et magnificabit deus nomen meum in ipso et relinquam post me bonam memoriam de me. Et respondens mulier ait ad eum: Nequaquam loqui debes de eo quod nescis, nec tibi fas est hoc dicere. Quis enim te certificavit, si perpero aut non? et si masculum perpero aut feminam? aut utrum vixerit natus aut qualis erit ratio pueri eiusque distractio? Relique igitur hec et spera in domino et expecta eius voluntatem; nam vir sapiens non debet loqui de his que nescit, nec indicare temptet opera divina;...»

Para confirmação desta sã doutrina conta a mulher o conto do eremita sôbre quem se entornou o pote de mel.

Não transcrevo aqui o conto, segundo a redacção do Calila e Dimna, quer em castelhano, quer em latim como se lê na obra de João de Capua. É mais próxima das «cousas que

diz Mofina Mendes» a redacção do mesmo conto dado por D. João Manuel.

«Señor conde, una mujer fué que habia nombre doña Truhaña, la cual era asaz mas pobre que rica, et un dia iba al mercado, et llevaba una olla de miel en la cabeza, et yendo por el camino comenzó á cuidar que venderia aquella olla de miel et que compraria partida de huevos, et que de aquellos huevos nascerian gallinas, et las venderia, e de aquellos dineros compraria ovejas, e asi fué comprando de las ganancias que faria fasta que se falló mas rica que ninguna de sus vicinas, et con aquella riqueza que ella cuidaba que habia asmó cómo casaría á sus fijos et fijas, et de cómo iria aguardada por la calle con yernos et con nueras, et cómo dirian por ella cómo fuera de buena ventura en llegar á tan grand riqueza siendo tan pobre cómo solia ser. Et pensando en esto comenzó á reir con placer que habia de la su buena andanza, et en reyendo dió con la mano en la su cabeza et en su fruente, et entonce cayó la olla de la miel en tierra, et quebróze...»

O Plauto português escreveu em naturalíssimos versos, postos na bôca de Mofina Mendes, a quem Payo Vaz deu o pote de azeite:

Vou-me á feira de Trancoso
Logo, nome de Jesu,
E farei dinheiro grosso.
Do que este azeite render
Comprarei ovos de pata
Que he a cousa mais barata
Qu'eu de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão:
Cada ovo dará um pato,
E cada pato hum tostão,
Que passará de hum milhão
E meio, a vender barato.
Casarei rica e honrada
Por estes ovos de pata,
E o dia que for casada

Sahirei ataviada
Com hum brial d'escarlata,
E deante o desposado,
Que me estará namorando:
Virei de dentro bailando
Assi dest'arte bailado,
Esta cantiga cantando.

(Estas cousas diz Mofina Mendes com o pote de azeite á cabeça, e andando enlevada no bailo, cai-lhe e diz)

Payo Vaz: Agora posso eu dizer,
E jurar e apostar,
Qu' es Mofina Mendes toda.»

Teria mais a dizer se o tempo de que disponho m'o permittisse. Noto apenas, todavía, que êste nome de «Mofina» é dado mui pensadamente à pegureira Mendes, como se vê do que lhe diz Payo Vaz; e que de quantos textos conheço só um traz igual alcunha para o personagem do conto: é o apólogo no Panchatantra, (V. 9), no qual se diz que o Bráhmane (= à pegureira = ao eremita) se chamava Sva-bhāva--kṛpaṇa «infeliz da sua natureza», *i. e.* «mofino».

Sería acaso fortuito? Não sei.

IX. — Buddhismo, Jainismo e Christianismo

Falar dos contos, apólogos e fábulas da India, leva naturalmente a falar-se do Buddhismo. É forçoso, porém, que me restrinja.

O Buddhismo é um dos aspectos do Hinduísmo e uma phase da philosophía das Upanixadas. Como aspecto do Hinduísmo é evolução próxima do Xivaísmo, do Vixnuísmo e do Crixnaísmo. Como phase philosóphica, há tendencia hoje a considerá-lo posterior às inscripções de Axoca; sem, não obstante, esconder-se que já antes o Buddhismo tivera as duas formas: popular e escolástica. É esta forma a doutrina ra.

especulativa, de íntima connexão com a das Upanixadas, cuja disciplina de ascetismo orthodoxo é singularmente semelhante à do s a n g h a ou confraría búddhica.

Uma das feições que, na India, mais distingue as religiões populares da religião brahmánica, é terem o Xivaísmo, o Vixnuísmo, o Crixnaísmo e o Buddhismo um Deus-Homem, um deus pessoal, redemptor.

É êste deus pessoal, são as suas lendas, o seu ensinamento, o culto que lhe prestam, e outros factos inerentes ao culto, e ao ascetismo, que tẽem servido e servem na discussão e exame comparativo das religiões de Jina e de Christo com a de Buddha.

Tem havido na discussão elementos estranhos à verdadeira sciencia. Homens, que preferem o camartello à penna do escriptor consciencioso, tẽem trazido a lume e divulgado erros e falsidades calculadas. Outros, por enthusiasmo ou por crença respeitável tẽem, também, distrahido a verdade do seu justo e direito caminho, embora com sinceridade no procedimento e nos argumentos.

A minha propria convicção, — que é a de outros estudiosos e a de escolares distinctos —, é que o Jainismo e o Buddhismo não são seitas independentes, e, a não se provar que ambas são originarias da escola N i g a ṇ ṭ h a, uma orthodoxa, outra protestante, inclino-me a dar a prioridade ao Buddhismo; sem que possa negar-se hoje, depois dos trabalhos epigráphicos do snr. Bühler, a antiguidade documentada (Inscripções de Mathurá) da Igreja jaina, perfeitamente separada da búddhica.

Emquanto às relações entre o Buddhismo e o Christianismo, devo dizer que não me convenço de que a escola de Alexandría tivesse tal influencia na lenda de Christo que devamos acceitar que a sua biographía seja a lenda de Buddha; mas

não me esqueço de que é em Clemente de Alexandría que pe'la primeira vez se encontra o nome de Butta (Buddha), nem de que o mesmo Clemente copiou sem disfarce o que, uns 70 annos antes da nossa era, havía escripto Alexandre Polyhistor, o qual bem conhecera os ascetas búddhicos; não ignoro que o rei Axoca, 258 annos antes de Christo, menciona em uma das inscripções, Antíocho, rei da Syria, Ptolemeu, rei do Egypto, Antígono, rei da Macedonia, Magas de Cyrene, e Alexandre do Epiro, como príncipes de nações a que elle havía levado a sua religião, já pe'la palavra de missionarios, já pe'lo exemplo de caridade e amor, e até criando em alguns países, asylos e hospicios; e nem posso esquecer me de que Plutarcho menciona a virtude e a santidade do rei Menandro.

Já antes de São Paulo, e da embaixada enviada de Ceilão ao imperador Claudio, antes de conhecida a monsão de sudoeste, a via de terra, é pois certo, tinha dado ingresso, na Syria, na Macedonia, no valle do Nilo, às idéas búddhicas. No tempo de Augusto, um dos buddhistas que fôra a Roma, chegado a Athenas, lançou-se vivo na pyra em que se deixou queimar; foi elle Ζαρμανοχηγας isto é śrāmanākārjas, «o mestre dos xrámanas, dos ascetas».

Estou persuadido de que houve na lenda de Christo e até noutros pontos mais nobres do Christianismo, e mesmo no symbolismo christão, influencias, indirectas pe'lo menos, não só do Buddhismo, mas de outra das religiões populares da India, que d'elle se aproximam.

O problema está, porém, de pé; faltam-nos aínda muitos dados para cabal prova histórica, sem preconceitos theológicos, sem preconceitos revolucionarios.

Não quero terminar êste parágrapho sem confessar, ou antes dizer com respeito: que a noção fundamental do Christianismo é a realização do bem, e a mutua relação entre o homem

e Deus, emquanto que a do Buddhismo é a da extincção do mal sem esperança de bem futuro; que o Buddhismo se fecha no pessimismo, emquanto que o Christianismo se firma na rocha estéril do pessimismo para d'ali nas azas do optimismo voar na ascenção espiritual de esperança e fé aos Ceus e à presença do Deus-Padre.

X — Os estudos védicos

É esta a parte mais interessante das investigações samscritológicas, a que tem aquecido maiores debates; mas é também aquella àcêrca da qual mais divididos e extremados andam os campos.

Dentre os vedistas cujos trabalhos de exegese estão mais em vista, os que são o nucleo em tôrno do qual se acamam as críticas e as contribuições e toda a obra, são Bergaigne, embora já fallecido (!), Ludwig, Oldenberg, Pischel e Geldner, e aínda Regnaud, por abranger êste a exegese geral védica com o seu modo de investigação e pe'las suas idéas até certo ponto separadas daquellas a que se chega por outro méthodo, por outro criterio.

Os pontos capitais hoje estudados são os considerados aínda há pouco de menor importancia e muito secundarios: exegese, etymología, philología em geral; classificação dos hymnos, distribuição dos livros, métrica, mythología, conhecimento do ritual, significação de vocábulo em varios passos, modo de variação do significado, importancia dos textos clássicos para intelligencia dos textos védicos, correcção orthoépica, relação chronológica dos differentes hymnos, e de partes do mesmo hymno, relações chronológicas do texto samhitá e texto pada, grammática védica e grammática samscrítica clássica, épocha da fixação do texto do Rigveda segundo as con-

clusões a que leva o estudo de outras obras consideradas védicas, tais os Sutras de Āśvalājana e os de Śānkhājana, Jāska, etc.

É impossível dar conta neste magro resumo de tão profundas e vastas quão seguidas investigações de fôlego alentadíssimo.

Convém não obstante que eu diga de que lado estou na espectativa dos resultados.

Considero o Rigvéda em dois pontos de vista: como livro hindu, e como o documento mais antigo escripto de todos os Aryas ou Indo-celtas.

Como livro hindu tenho-o na conta de muito afastado em tempo e civilizações do tempo e civilização dos redactores do Ramáyana e do Mahabhárata. Julgo imprescindível o respeitoso criterio do philólogo moderno no estudo dos commentarios indianos, e da tradição indiana. Devemos ter sempre presente ao espírito o que nos dizem os livros do ritual védico, e contrabalançar o que os doutores e theólogos auctores dêsses livros nos ensinam, assentando nós como principio que no Rigveda não temos a expressão religiosa de culto uno, de culto de religião social, mas a expressão de sentimento lyrico, de vestigios épicos, e a expressão religiosa de cultos aínda familiais, um livro que nos revela religião que tende a constituír-se e não se constituíu por se haver constituído em seu logar a casta brahmánica, a par da qual não houve, nem pode haver, religião propriamente dita social. Esta foi a de varias seitas, as quais se denominam Xivaísmo, Vixnuísmo, Crixnaísmo, Buddhismo.

Como livro, documento mais antigo dos Indo-celtas, julgo que ao philólogo cumpre estudá-lo comparativamente na linguagem e nas idéas em confronto com os outros documentos

indo celtas; e ao samscritólogo, em especial, cumpre usar do escalpelo da etymología.

Estamos aínda longe do tempo em que se possa dar a traducção do Rigveda.

Cumpre-nos preparar as monographías.

XI. — A epigraphía

Do que fica dito nos precedentes parágraphos se evidencía a aproveitada colheita de dados históricos, que, do campo da epigraphía (e da archeología e da numismática), tem entrado nos celleiros do saber em samscritología.

Honra seja aos nomes de Cunningham, Burgess, Bühler, Führer, Hultzsch, Kielhorn, Bhagwanlal Indraji, Fleet, Eggeling, Fergusson, Sénart, Barth, Bergaigne, Aymonier e outros.

Em Portugal temos únicamente, que eu até hoje pudesse conhecer, duas inscripções indianas. Existem ambas em Sintra (ou Cintra) na Quinta que foi de Dom João de Castro, e se denomina Quinta da Penha Verde. Estão metidas nas ombreiras duma especie de pórtico ao subir para a capella. A inscripção da direita é a maior; li-a, mas não pude traduzi-la toda, pôsto levasse muito mais longe o conhecimento do seu theor do que até então se havía conseguido. Nesta conformidade o expliquei na última sessão do Congresso de Christiania em 1890.

Offereci em público testemunho do meu respeito ao grande epigraphista de Vienna d'Austria, o sr. G. Bühler, a copia que eu tirara em tamanho natural dessa inscripção maior.

O sr. Bühler deu-lhe cuidados de estudo, e em alguns pontos (raríssimos) aínda elle mesmo conjectura.

Encontra-se êste magnífico trabalho na parte V e VI da «Epigraphia Indica».

Dou aqui a reprodução phototy'pica, feita na Imprensa Nacional de Lisboa pe'lo snr. Cosmelli, duma photographía reduzida a $^1/_4$ do natural feita pe'lo snr. Camacho, segundo o meu decalco.

Ha nessa inscripção alguns pontos interessantes para a historia, mesmo litteraria, da India. Assim as estancias 14 a 22 (do fim da linha 14 ao meio da linha 22), relatam-nos o bastante para que saibamos ter havido no século XIII da nossa era (a inscripção traz a data de Vikrama Sãvat 1343, no meio da última linha), no Guzarate, quatro ramos da escola philosóphica dos Paxupatas, fundada por Naculixa, e que êste era considerado, àquelle tempo, natural de Caróhana, Kārohaṇa, a moderna Kārvāṇ segundo julga o snr. Bühler.

Da inscripção menor, a qual tem baixos relêvos, hei de tentar brevemente tirar uma photographía, porque as estampagens, que della tenho feito, não se podem aproveitar no estudo.

III

DESIDERATA

Termino aqui o meu trabalho. E sem querer accusar de atrazo o meu país, é certo que relativamente a êste ramo de estudos, vivo isolado!

A minha persistencia e a bôa vontade de alguns homens têem comtudo produzido o resultado, pe'lo menos, de eu abrir a estrada para futuros deanteiros.

Dentre os meus maiores auxiliares devo citar o sr. Pereira e Sousa, contador na Imprensa Nacional, e o typógrapho, mestre de compositores em caracteres orientais, o sr. J. A. Dias Coelho, cujo mérito é digno dos mais subidos elogios.

A Imprensa Nacional está hoje habilitada a compor e imprimir qualquer texto oriental, em caracteres devanágricos, ethíopes, árabes, hebraicos, syríacos, persas.

Temos no país estudiosos que cultivam os estudos orientais; dentre elles destaca-se o sr. F. M. Esteves Pereira, homem aínda moço, semitólogo, de cujo méthodo seguro, e acrysolado empenho, há muito a esperar.

Foram meus discípulos dois homens um dos quais é hoje meu collega, o snr. Z. Consiglieri Pedroso, outro romanista

illustre, o snr. A. R. Gonçalves Vianna, e aínda terceiro que se interessa pe'los estudos samscríticos e os continúa, o engenheiro civil o snr. J. Barbosa de Bettencourt; foi também meu discípulo o snr. Dias Coelho a quem já me referi.

Mas de todos nós se póde dizer:

सहायेन विना नैव कार्यं किमपि सिध्यति

«Nenhum emprehendimento tem bom éxito sem companheiro no trabalho.»

Nos programmas officiais há grande estôrvo no desenvolvimento do estudo do sámscrito.

É o lente da Cadeira (no Curso Superior de Letras, em Lisbôa) obrigado a ensinar todos os annos os rudimentos de sámscrito e a dar vagas noções de historia da litteratura samscrítica. Jamais pode fazer discípulos. Prepara, se o consegue (!), os alumnos que no anno seguinte vão estudar philología comparada.

Está na mente dos reformadores do Curso Superior de Letras acabarem com a cadeira de sámscrito e fundi-la com a de grammática comparada, que tencionam criar, de sámscrito, grego e latim, principalmente.

Pe'la minha parte aqui protesto contra o que está e contra o que pretendem que esteja.

Qualquer das duas cousas é ir annular o proveito do estudo do sámscrito, independente da grammática comparada e em três annos pe'lo menos.

Os nossos Congressos devem empenhar-se em que os governos dos Estados, conscios da importancia da samscritología, lhe dêem a independencia propria para o estudo efficaz de quem procura o doutrinamento, e para o estudo efficaz de quem escava e pesquisa.

O sámscrito deve ser ensinado no ponto de vista do proprio sámscrito e no ponto de vista de preparatorio para o estudo da glottología.

Nas pesquisas samscritológicas têem os samscritólogos aínda muito a fazer, e isso deve ser garantía, porque é necessidade, da sua independencia. As nossas fôrças, por agora, devem convergir: *a*) em arrancar aos textos estranhos à India o segrêdo da chronología samscrítica; *b*) em aproveitarmos também para êste fim todos os dados da archeología e da numismática; *c*) em sondarmos em todos os sentidos, por meio de monographías especiais, os Vedas; e mais tarde virá a traducção do Rigveda e a do Atharvaveda.

Devemos todos empenhar-nos em que se aproveitem os materiais accumulados, durante 40 annos de trabalho, por W. Trenckner, falecido a 9 de janeiro do corrente anno, em Copenhague, para que se escreva e publique o diccionario páli, urgentíssimo.

E, perante os governos, devemos empenhar-nos em que todos os futuros professores de grego, e claro está os de qualquer ramo de glottología árica, saibam traduzir os textos mais geralmente escolhidos nas Selectas samscríticas, e em que todo professor de sámscrito saiba grego e latim.

O hellenista, capaz de produzir trabalho útil na sciencia, ha de saber sámscrito; o samscritólogo que não souber grego não tem direito a considerar-se como tal entre os que se consagram à samscritología.

POST SCRIPTUM

Hoje 24 de agosto, depois de paginado todo êste opúsculo, tive a honra de receber, por obsequiosa liberalidade do India Office, o catálogo do snr. J. Eggeling a que me referi na pág. 18.

Julius Eggeling. Catalogue of the Sanskrit Manuscripts in the Library of the India Office.—Part III. Samskrit Literature: A. Scientific and Technical Literature. II. Rhetoric and Law. London, 1891.